



**Universidade de Brasília**

Ministério da Educação  
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares  
Centro de Formação Continuada de Professores  
Secretaria de Educação do Distrito Federal  
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação  
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

## **O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DE ATOS DE INDISCIPLINA EM SALA DE AULA**

**Fabiana Pinheiro Alves Poti**

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Campos Machado  
Tutor-Orientador: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

Brasília

2015

**Fabiana Pinheiro Alves Poti**

**O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DE ATOS DE  
INDISCIPLINA EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Profa. Dra. Liliane Campos Machado e do Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento.

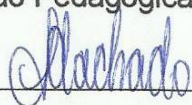
Brasília

2015

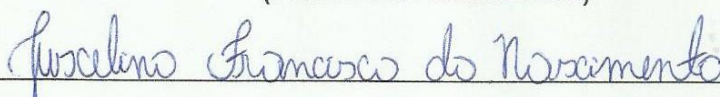
**Fabiana Pinheiro Alves Poti**

## **O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DE ATOS DE INDISCIPLINA EM SALA DE AULA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:



Prof.ª Dra. Liliâne Campos Machado – (FE/UnB)  
(Professora-orientadora)



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento – (UFPI/UnB)  
(Examinador interno)



Prof.ª Ma. Lizandra Caires do Prado – (UnB)  
(Examinadora externa)

Brasília

2015

Ao meu esposo, Oséias, pela paciência e compreensão.  
Às minhas filhas, Noemi e Ana Ester, por entenderem as ausências durante a realização deste trabalho. Aos meus pais, Antônio e Maria, por me incentivarem a nunca parar de estudar.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus, que me sustentou até aqui.

Às minhas amigas, Adelena, Ivanilce e Isana, pela força e palavras de incentivo quando pensei em desistir.

Ao meu tutor-orientador, Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, pela paciência e pelas orientações.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”.

Rubem Alves

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral ressaltar o papel do coordenador pedagógico como mediador de conflitos gerados pela indisciplina em sala de aula. Para isso, discorreremos sobre o que são os atos de indisciplina, suas motivações, o papel do coordenador pedagógico e sua atuação como mediador de tais conflitos, na visão de diversos autores, como Parrat-Dayan (2008), Aquino (1998), Placco, Souza e Almeida (2012). Por meio de uma pesquisa qualitativa realizamos a coleta dos dados onde foi possível perceber que muitos argumentos utilizados pelos professores para justificar os atos de indisciplina não encontram embasamento no pensamento dos teóricos, como o desinteresse dos alunos e a falta de limites impostos pela família. Em contrapartida, dentro dos segmentos que participaram da pesquisa, observamos que o papel do coordenador pedagógico é fortalecido como mediador de estratégias que visem a diminuição dos atos de indisciplina, por meio do planejamento e da formação continuada.

**Palavras-chave:** Indisciplina; Coordenador Pedagógico; Mediação.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – O que são atos de indisciplina? .....	25
Gráfico 2 – Fatores que contribuem para os atos de indisciplina .....	27
Gráfico 3 – Comportamentos que atrapalham a aula .....	28



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR .....</b>	<b>10</b>
1.1 DISCIPLINA X INDISCIPLINA.....	10
1.2 A INFLUÊNCIA DA INDISCIPLINA NA APRENDIZAGEM.....	13
1.3 O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SEU PAPEL NO CONTEXTO ESCOLAR.....	15
1.4 O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DE CONFLITOS.....	17
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>21</b>
2.1 LOCAL DA PESQUISA .....	22
2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	22
2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	22
<b>3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....</b>	<b>24</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>25</b>
4.1 QUESTIONÁRIOS .....	25
4.2 ENTREVISTAS .....	29
4.2.1 Entrevista 1 .....	30
4.2.1 Entrevista 2 .....	30
4.3 OBSERVAÇÃO .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>36</b>
APÊNDICE A .....	37
APÊNDICE B .....	39
APÊNDICE C .....	41
APÊNDICE D .....	43
APÊNDICE E .....	44

## INTRODUÇÃO

Mostrar a relação do coordenador pedagógico com os determinantes de indisciplina em sala de aula e sua atuação como mediador nesses eventos é o objetivo deste trabalho de pesquisa.

Este estudo surgiu como uma necessidade diante das ações de indisciplina que surgem em sala de aula e refletem no fazer pedagógico do professor e na aprendizagem dos alunos. Para isso, precisamos compreender como os estudiosos da área de educação definem o conceito de indisciplina, analisar as possíveis causas elencadas pelos professores e confrontá-las com as dos estudiosos, vendo o papel do coordenador pedagógico sob a ótica da legislação e sua atuação como mediador de conflitos, resgatando sua ação formadora.

A pesquisa está disposta em quatro capítulos: capítulo 1 – referencial teórico, capítulo 2 - metodologia, capítulo 3 – instrumentos da coleta de dados e capítulo 4 – análise dos dados.

O capítulo 1 traz a definição de vários estudiosos acerca do que seja indisciplina e as principais motivações citadas pelos professores, refutando várias delas. Logo após, o papel do coordenador é colocado em suas considerações legais e sua função como mediador de conflitos gerados pelos atos de indisciplina. O planejamento intencional e a formação continuada são colocados como itens essenciais de apoio ao professor no combate a esses eventos.

O capítulo 2 destaca a pesquisa qualitativa como metodologia a ser utilizada para a pesquisa, bem como a definição do local de pesquisa (uma escola classe da região administrativa de Taguatinga), os participantes (equipe gestora, professores e aluno) e os instrumentos que serão utilizados para a coleta de dados.

No capítulo 3, os instrumentos da coleta de dados são especificados: questionários, entrevistas e observação.

No capítulo 4, a análise dos dados coletados é realizada, fazendo sempre uma relação crítica com as teorias estudadas, retomando os autores utilizados no referencial teórico.

Essa pesquisa visa fortalecer a figura do coordenador pedagógico e sua atuação frente aos atos de indisciplina que acontecem dentro do ambiente escolar.

## 1 A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

Atualmente, o fenômeno da indisciplina vem compondo o cotidiano escolar em uma escala ampla e internacional. Assim, estudiosos como Aquino (1998), La Taille (1996), Parrat-Dayana (2008) buscam estudá-lo mais profundamente.

Independente de classe social ou nacionalidade do aluno, a indisciplina aparece nas escolas, levando estudiosos, professores, pais e a sociedade como um todo a pensarem como lidar com ela, posto que desestrutura o ambiente escolar e pode refletir na aprendizagem.

Diante desse panorama, é relevante que entendamos certos conceitos que nortearão nossos estudos, como os que serão apresentados a seguir.

### 1.1 DISCIPLINA X INDISCIPLINA

Antes de nos aprofundarmos em como surgem os atos de indisciplina e as ações para combatê-los, é importante termos clareza quanto aos conceitos de disciplina e indisciplina.

A disciplina, de acordo com La Taille (1996) pode ser entendida como comportamentos regidos por um conjunto de normas pré-estabelecidas. Dentro desse conceito, há duas vertentes: uma que associa a disciplina com tirania e outra que a encara como algo necessário e que pode levar o indivíduo a atitudes autônomas e libertadoras em seu convívio social. A primeira busca formar um cidadão submisso e obediente, tendo como ferramenta o autoritarismo, que muitas vezes beira às atitudes despóticas. Já a segunda busca desenvolver o discente de maneira plena, de forma que este tenha consciência de suas responsabilidades e das consequências de seus atos.

Muitos estudiosos ratificam a disciplina como algo essencial para a aprendizagem. Piaget (1978, apud Parrat-Dayana, 2006, p.38) ressalta a importância de um sistema de regras que garanta a ordem de convivência em classe. Já Antunes (2013) cita a disciplina como uma relação de parceria na sala de aula fundamentada em regras; Rego (1996), por sua vez, afirma sua importância para garantir o funcionamento e a convivência na escola; e Parrat-Dayana (2008) a considera de forma positiva, abrindo um leque de oportunidades. De fato, a disciplina é condição determinante em sala de aula, mas não única, para uma

relação saudável entre os entes que ali se encontram e para favorecer um ambiente propício para aprendizagem.

Nesse viés, é fundamental diferenciarmos autoritarismo e autoridade. O primeiro traz a relação entre a escola e o aluno de uma forma impositiva, coersitiva, repleta de desmandos, inadequações e injustiças, gerando um mal-estar e, conseqüentemente, atos de indisciplina. Já a autoridade é exercida com naturalidade, sem imposições e atropelos para garantir a disciplina. (REGO, 1996; AQUINO, 1998).

Diante do conceito de disciplina, que a coloca como um fator importante para garantir a convivência no ambiente escolar, a indisciplina, então, seria a desobediência aos comportamentos regidos por essas normas. No entanto, esse conceito é muito abrangente, visto que falamos de comportamento e que este significado está imerso em uma gama de conceitos socioculturais. Para Rego (1996, p. 84), o conceito de indisciplina:

(...) se relaciona com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra disciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas (...) os padrões de indisciplina (...) não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social.

Diante dessa afirmação, devemos apurar nosso olhar ao que venha ser consideradas como ações de indisciplina na sala de aula. Perguntas, questionamentos, interações fazem parte do processo da construção do conhecimento e, por esse motivo, devem ser incentivados no cotidiano escolar.

Para que as ações de indisciplina aconteçam, há uma série de fatores motivadores. La Taille (1996) afirma que essas motivações se dariam ou pela revolta com as normas pré-estabelecidas ou pelo desconhecimento das mesmas. Já para Estrela (1994) apud Parrat-Dayán (2008, p. 27) podem ser elencadas três categorias: a que evita o trabalho escolar por achá-lo desinteressante ou de alta complexidade; o que obstrui de alguma forma a prática adotada pelo professor; e, ainda, o descontentamento com as regras ou dinâmicas de trabalho. Parrat-Dayán

(2008) estabelece duas origens para o surgimento de tal fenômeno: origem externa ou interna à escola.

Discorrendo um pouco sobre as origens externas, temos a desigualdade social, a violência e a excessiva exposição aos meios de comunicação. Nessa ótica, o aluno é visto como um produto moldado pelo meio em que vive e os meios de comunicação, em especial a TV, potencializariam essa condição. A TV é colocada como um espelho que reflete os aspectos negativos da sociedade, levando o indivíduo a uma reação de passividade e naturalidade ante os atos de violência e ao desrespeito às regras estabelecidas pela sociedade.

Os traços de personalidade e as fases da infância e adolescência também são lançados como justificativa para os casos de indisciplina. Essas argumentações traçam o comportamento do aluno de forma definitiva, isto é, não podem ser alterados, pois são estabelecidos desde o nascimento. Nesse caso, as experiências compartilhadas no ambiente escolar não teriam nenhuma influência sobre suas atitudes.

A estrutura familiar também é um elemento citado de maneira recorrente. São jovens oriundos de uma criação permissiva que originou uma geração com mais liberdade que responsabilidade, com mais direitos que deveres. Mas a escola não pode se isentar de suas responsabilidades, como bem destaca Aquino (1998, p. 192),

quando falamos genericamente em “educação” de uma criança ou jovem, compreendemo-la como resultado conjunto da intervenção da família e da escola. Embora essas duas instituições basais sejam complementares e possam chegar a se articular, elas são bastante diferentes em suas raízes, objetos e objetivos. O trabalho familiar diz respeito à moralizar a criança(...)A tarefa do professor, por sua vez, não é moralizar a criança. O objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo, a recriação deste.

É fundamental que pais e professores tenham clareza sobre suas funções. Conforme Tiba (1996), os filhos precisam de pais para ser educados; alunos, de professores para ser ensinados. Estes podem até ser amigos, porém, não mais amigos que pais; não mais amigos do que professores.

Como fator interno à escola, podemos citar a dificuldade em atualizar as práticas pedagógicas. Por vezes, reclamamos que o aluno é desinteressado e

indisciplinado, mas isso pode estar relacionado à distância entre o que está sendo proposto em sala de aula e o centro de interesse do aluno. A motivação é algo fundamental para a aprendizagem e isso não significa modificar todo o currículo proposto para a modalidade de ensino, mas sim, torná-lo próximo ao aluno de forma que ele possa identificar-se com o que lhe é proposto. Conforme Parrat-Dayan (2008, p.38)

O interesse é necessário para elaboração da disciplina própria ao sistema de autonomia. E apenas a escola ativa, isto é, aquela onde não se faz com que a criança trabalhe por meio de uma obrigação externa, e sim por seu próprio interesse, pode realizar a cooperação e a democracia na sala de aula.

A “falta de pulso” do professor é outro tipo de fator interno. Quando nos remetemos a esse argumento, o que está em foco não seria autoridade, mas sim o autoritarismo. É comum escutarmos professores queixarem-se da disciplina remetendo-se de forma saudosa à “autoridade” que o professor tinha há algumas décadas. É bem sabido que, na verdade, vigorava o autoritarismo camuflado de autoridade. Os alunos que transgrediam as regras dificilmente permaneciam nas escolas e os que ali ficavam estavam não descumpriam as normas temendo as sanções.

Não era dado ao aluno o direito de questionar, se posicionar, interagir. Nesse caso, a disciplina era vista pelo prisma da submissão e da coersão. A autoridade do professor pode ser reiterada diariamente quando este trabalha de forma preventiva em sala de aula recapitulando as regras que foram construídas junto com os alunos, refletindo sobre a necessidade e eficácia de cada uma, atribuindo responsabilidades para os alunos na dinâmica da sala de aula de forma que eles se percebam como participantes na construção de cada combinado ali proposto. Dessa forma, o professor estará disciplinando seus alunos com vistas a uma formação autônoma e emancipatória.

## 1.2 A INFLUÊNCIA DA INDISCIPLINA NA APRENDIZAGEM

Como vimos anteriormente, a disciplina deve existir na sala de aula dentro de uma perspectiva autônoma, emancipatória e cooperativa. Caso ela não exista nesse contexto, o processo de aprendizagem pode vir a sofrer sérios danos. Estudos

recentes indicam que 1/3 das aulas estão comprometidas com a tentativa do professor em manter a ordem em classe (VINHA, 2009).

Pela ótica sociointeracionista, a educação tem relação direta sobre o comportamento, a consciência sobre os atos e o autogoverno, ou seja, nos mostra que todo comportamento é aprendido. Nesse caso, também se inclui a indisciplina. Com isso, percebemos que esta é uma problemática que abrange tanto a escola quanto a família.

As fragilidades, nesse sentido, alcançam as duas pontas do processo de ensino-aprendizagem: professor e aluno. São comuns as reclamações quanto ao desenvolvimento do processo educativo e, até mesmo, quanto às relações de convivência, quando o ambiente escolar encontra-se desarmonioso, com ruídos que impeçam a comunicação.

Diante desse panorama, vemos, frequentemente, que três direções que são tomadas por aquele de detém a autoridade, de acordo com as pesquisas realizadas por Vinha (2009). A primeira seria evitar os conflitos, promovendo um controle exterior por meio de câmeras, cadeados, cópias e atividades que deixem os alunos “ocupados”, em detrimento da responsabilidade em formar indivíduos conscientes de suas responsabilidades. A segunda direção seria terceirizar o problema, envolvendo outros entes, sendo essa uma ação paliativa que em curto prazo pode agravar o problema. E a última direção seria ignorar os conflitos entre os pares e só dar a devida impotência quando é remetida a alguma figura de autoridade. Essas direções nos levam a perceber uma escola regida pela heteronímia, onde as regras foram feitas para serem cumpridas e não questionadas.

O professor tem função primordial nesse contexto e, para isso, é necessário enriquecer o currículo, que por vezes se mostra limitado ante os anseios e interesses dos alunos; reavaliar a organização do trabalho pedagógico e a metodologia empregada regularmente; manter uma comunicação igualitária que alcance todos os alunos. Reconsiderar o tempo/espço da sala de aula pode ser um caminho a seguir, visto que a inadequação desses pontos tende a provocar desinteresse, que, conseqüentemente, levará a ações de indisciplina. Aquino (1996, p. 52) enfatiza essa mudança na prática pedagógica:

Crianças e jovens, por incrível que pareça, são absolutamente ávidas pelo saber, pelo convite á descoberta, pela ultrapassagem do óbvio,

desde que sejam convocados e instigados para tanto. Tudo depende, pois, da proposta do meio da qual o conhecimento é formulado e gerenciado nesse microcosmo que é cada sala de aula. Entretanto a tarefa é intrincada, pois pressupõe sempre um recomeço, a cada aula, cada turma, cada semestre.

A escola tem, como uma de suas funções, estimular e orientar a participação de crianças, adolescentes e jovens em vários contextos sociais, por meio de atividades desafiadoras e provocativas, com vistas a uma mudança de comportamento e desenvolvimento. A comunidade escolar deve construir um ambiente autônomo, democrático e pacífico, como Lopes e Gomes (2012, p. 264) ressaltam:

esse tipo de educação não se concretiza com o uso de técnicas e informações sobre a paz – visão instrucional -, mas derivam das atitudes e, ao nível mais profundo, dos valores internalizados, tais como cooperação e justiça – visão formativa.

Não podemos isentar os outros componentes da comunidade escolar (direção, coordenação, pais, auxiliares) da reflexão acerca dos atos de indisciplina. A responsabilização deve ser de todos em torno da garantia de um ambiente cooperativo, autônomo, digno e respeitoso.

### 1.3. O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SEU PAPEL NO CONTEXTO ESCOLAR

Para que o fazer pedagógico da escola tenha qualidade, seus professores estejam atualizados e trabalhem de forma coletiva, articulados com o currículo proposto pelas instâncias superiores e em consonância com a realidade da comunidade em que está inserida, faz-se necessário um articulador. O coordenador pedagógico seria o sujeito responsável por validar esse processo. De acordo com Placco, Souza e Almeida (2012, p.759):

[...] [são] necessários interlocutores qualificados para a constituição desse coletivo de aprendizagem e, transpondo para a nossa realidade, entendemos que o coordenador pedagógico poderia assumir esse papel.



No que se refere à instituição legal da função de coordenador pedagógico na educação brasileira, podemos ver que já em 1961, nas escolas experimentais, que por meio da autorização da Lei 4024/1961 admitiam currículos, métodos e períodos próprios com a devida anuência de instâncias como o Conselho Municipal de Educação e Conselho Federal de Educação, havia a presença de um profissional que se apresentava para tal posição.

Em 1969, através do Parecer 252/1969, complementar à lei 5540/1968, é criada habilitações no curso de Pedagogia e entre elas surgiria a de Supervisor Escolar, chamando a atenção para alguém que venha exercer o papel de mediador no ambiente escolar.

Finalmente, em 1971, com a Lei 5692/1971, é instituída a figura de um supervisor que atenda às escolas em nível de sistema (conjunto de escolas) e em nível de unidade (uma única escola). Legitima-se, então, a figura do coordenador pedagógico. Com isso, suas atribuições também ficam estabelecidas de acordo com a legislação, relacionando-as intimamente com as questões pedagógicas, como cita Placco, Souza e Almeida (2012, p.761):

(...) avaliação dos resultados dos alunos, diagnóstico da situação de ensino e aprendizagem, supervisão e organização das ações pedagógicas cotidianas (frequência de alunos e professores), andamento do planejamento de aulas( conteúdos ensinados), planejamento das avaliações, organização dos conselhos de classe, organização das avaliações externas, material necessário para as aulas e reuniões pedagógicas, atendimento de pais, etc., além da formação continuada de professores.

Diante de tantas atividades, Almeida e Placco (2011) ressaltam três funções que o coordenador pedagógico deve exercer na escola: articuladora, formadora e transformadora.

Na função articuladora, o coordenador pedagógico deve atuar como mediador para favorecer e fortalecer o trabalho coletivo. Dessa forma, dificuldades comuns devem levar a ações que visem o alcance de metas comuns. Para que isso aconteça a contento, é importante que o coordenador pedagógico tenha conhecimento das necessidades que devem ser sanadas, participar da elaboração das ações juntamente com os docentes envolvidos, buscando uma linha interdisciplinar, e ter ciência dos objetivos a serem alcançados. Sabemos que promover essa coletividade não é tarefa fácil, visto que em muitas de nossas

escolas predominam o comportamento individualista, onde não há desejo de compartilhar estratégias que venham culminar no sucesso coletivo. Mas com perseverança e ações com grupos que estejam dispostos a colaborar, não é algo impossível de acontecer.

Como formador, o coordenador pedagógico deve fornecer subsídios para que o professor venha a aprimorar-se em sua área, levando em consideração o Projeto Político Pedagógico da escola e as relações interpessoais com os demais componentes da comunidade escolar de forma que estes também possam ser atuantes no processo educativo. É essencial que o coordenador promova essa interação para o fortalecimento do coletivo da escola.

Quanto à sua função transformadora, o coordenador pedagógico deve levar o professor à reflexão, criticidade e criatividade nos momentos de formação, para que venha repercutir em sua prática em sala de aula, tornando assim, a aprendizagem mais eficiente e prazerosa.

#### 1.4 O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DE CONFLITOS

Como vimos na seção anterior, o coordenador pedagógico tem papel fundamental no contexto escolar. Suas ações permeiam todo o fazer pedagógico, de forma que tenha, como afirmam Mendes, Haddad e Santos (2011, p. 543), “uma visão de ângulos diferentes e de forma articulada diante das manifestações escolares”. Além disso, Godoy (2012, p. 1) complementa:

O Coordenador Pedagógico enquanto mediador do Projeto Político Pedagógico e a práxis docente, precisa ser mais do que aquele profissional que transmite conhecimentos, que cobra documentos, que recolhe dinheiro de passeios, que coordena eventos, que vigia e repete padrões instituídos, etc. O Coordenador Pedagógico precisa ser o agente formador, educador pesquisador, em constante busca pelo saber para que os educadores e educandos possam caminhar na mesma direção.

Dentro de suas atribuições, percebemos que a mediação de conflitos advindos das relações interpessoais no interior da escola também surge de forma de maneira expressiva.

A escola, por ser um organismo vivo e dinâmico, permeado de relações interpessoais, torna-se um ambiente propício a conflitos. Silva (2015, p. 1), afirma que

Conflitos entre e com professores fazem parte do ambiente escolar e estão relacionados aos princípios da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber e aos princípios do pluralismo de ideias e concepções pedagógicas.

Entre os conflitos existentes dentro do ambiente escolar, aqueles que têm como protagonistas professor e aluno ainda despontam como sendo uns dos mais constantes, podendo ressaltar as ações voltadas para a indisciplina.

Por vezes, o coordenador pedagógico se vê tendo que resolver incidentes relacionados à indisciplina em sala de aula. Isso acontece, pois devido à função que exerce, o coordenador tem uma percepção diferente daquela do professor, até mesmo por não fazer parte do conflito. Com isso, é possível para ele perceber razões e perspectivas de intervenções possíveis.

Dentro das funções apontadas como primordiais por Almeida e Placco (2011), articuladora, formadora e transformadora, o coordenador pedagógico pode auxiliar o professor no enfrentamento de tais episódios.

Ao ficar ciente do que se passa em sala de aula, das ações de indisciplina, o coordenador pedagógico, juntamente com o professor, deve investigar as razões que levam a tal atitude, para que possam agir no cerne da questão, como destaca Nascimento (2014, p. 13):

Se faz importante a intervenção do coordenador pedagógico, não só para mediar as situações de conflito, mas para investigar as razões que traduzem os comportamentos indisciplinados, entendendo de onde se originam, bem como essas ações comportamentais influenciam na aprendizagem do aluno.

A partir daí, estratégias devem ser pensadas e suscitadas pelo coordenador pedagógico, mas não exclusivamente por ele. É importante que nesse processo, todos os atores que compõem a comunidade escolar estejam engajados, fortalecendo o coletivo da escola e promovendo um espaço de constante diálogo, como considera Silva (2015) apud Mainardes (2015, p.1):

Não se trata de uma ação isolada, mas coletiva, que passa pela discussão de valores e pela construção de algum tipo de pacto, em que todos se comprometem, de alguma forma, a empreender ações que legitimem o papel da escola e dos professores na vida e na formação dos alunos para a cidadania.

Tendo em vista estas ações, podemos observar que funções intimamente interligadas à coordenação pedagógica podem ser utilizadas como subsídios para a construção dessas estratégias: a formação continuada e o planejamento.

Quando nos referimos à formação continuada, falamos de algo intrínseco à coordenação pedagógica. Esse é o “lugar para a efetivação das mudanças necessárias” (GODOY, 2012, p. 1). Nesse momento, o coordenador pedagógico deve levar seu grupo ao estudo, à pesquisa, à reflexão com a intenção de propor uma mudança nesse quadro de conflitos. Dessa forma, o coordenador pedagógico age exercendo sua função transformadora, abarcando vários segmentos da escola. Godoy (2012, p. 1) afirma que a formação continuada:

Pode priorizar a reflexão e a análise crítica sobre a origem, as causas e os reflexos das características que o homem apresenta no cotidiano escolar, revendo, por exemplo, as formas de comunicação, as relações estabelecidas, a qualidade (boa) do processo ensino aprendizagem, a construção de competências, os diferentes papéis dos atores, buscando comprometimento conjunto e desafiando uns aos outros, como uma comunidade profissional mais solidária, humana e segura.

O planejamento é uma ferramenta muito valiosa para trabalhar as questões de indisciplina. Quando paramos para planejar qualquer ação no ambiente escolar é necessário que haja intencionalidade, foco naquilo que realmente condiz com as reais necessidades da escola. É importante que seja uma causa coletiva, onde todos estejam dispostos a participar tanto de sua elaboração quanto execução, como ressaltam Weiz apud Miziara e Queiroz (2010, p. 65) “o desejável e necessário é que todos, professores e equipe técnica, se tornem cada vez mais responsáveis, coletivamente, pelo resultado do trabalho de toda a escola”.

É importante ressaltar que a coordenação pedagógica tem grande importância na gestão dos conflitos de indisciplina em sala de aula, mas não com uma atuação individual. É imprescindível que todos os agentes da prática escolar estejam comprometidos em torno do mesmo objetivo, promovendo a reflexão acerca

do problema e analisando por uma nova ótica, gerando mudanças de atitudes e sucesso nas aprendizagens.

## 2 METODOLOGIA

Neste capítulo, trataremos da metodologia escolhida para a realização da pesquisa, assim como o local da pesquisa, os participantes e os instrumentos de coleta de dados utilizados.

Metodologia, de acordo com Gerbardt e Souza (2009), seria o estudo, não apenas a descrição, dos instrumentos utilizados para fundamentar uma pesquisa científica. Dessa forma optamos por uma abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa surgiu para referendar os estudos nas áreas de Antropologia e Sociologia, mas vem sendo amplamente utilizada pelas áreas das ciências sociais e educação. Segundo Neves (1996, p.1):

a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos.

A partir do conceito estabelecido por Neves (1996), podemos perceber que a pesquisa qualitativa busca entender, interpretar fatos ocorridos nas relações sociais e que não podem ser quantificados, diminuindo a distância entre a teoria estudada e os dados coletados. Daí, afirmamos como Minayo (2001 apud SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p.32) que seu caráter é impírico e subjetivo. Essa abordagem entra em oposição àquela que prevê um modelo unificado de pesquisa para todas as áreas da ciência.

Dentro dessa perspectiva, utilizaremos como método o estudo de caso. Fonseca (2001) apud Silveira e Córdova (2009, p. 39), assim o define:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como é o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe.

Em outras palavras, podemos afirmar que o estudo de caso é uma análise minuciosa de um ou poucos objetos de estudo, com vistas a esclarecer a motivação e a fundamentação de certos fenômenos.

## 2.1 LOCAL DA PESQUISA

A Unidade de Ensino onde a pesquisa foi realizada é uma escola classe situada na Região Administrativa de Taguatinga. Esta escola foi escolhida como local de pesquisa, pois está localizada próxima ao meu local de trabalho, o que facilitou o acesso para aplicação dos instrumentos para a coleta de dados.

Apresenta uma boa estrutura física e atende a cerca de 350 alunos, na faixa etária entre 6 e 12 anos, divididos em classe de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

## 2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram o corpo docente da escola, membros da equipe gestora e uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, composta por 18 alunos (6 meninas e 12 meninos). É importante salientar que o critério para a seleção dessa turma na colaboração com a pesquisa foram os relatos de reincidentes atos de indisciplina entre seus pares em situações corriqueiras de sala de aula e do cotidiano escolar.

## 2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: a entrevista, o questionário e a observação.

A entrevista, segundo Garhardt e Silveira (2009) é uma técnica de interação social que busca coletar dados não documentados. Será destinada à coordenação pedagógica e ao professor regente da classe selecionada para participar da pesquisa.

O questionário, de acordo com Garhard e Silveira (2009), seria uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito, sem a presença do pesquisador.

Foi aplicado à equipe gestora, aos demais docentes e aos estudantes da classe selecionada para participar da pesquisa.

A observação, no conceito de Kauark, Manhães e Medeiros (2010), é um instrumento onde os sentidos são aplicados atentamente a um objeto, gerando assim um conhecimento preciso. Aconteceu na classe selecionada para participar da pesquisa.



### 3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para subsidiar essa pesquisa, foi necessário que fizéssemos uma coleta de dados útil para confrontar as hipóteses levantadas nessa pesquisa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Assim, como instrumentos de coleta de dados, optamos pelo questionário, pela entrevista e pela observação. De acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010), o questionário é um instrumento de coleta de dados que deve apresentar uma linguagem simples e direta, podendo apresentar questões diretas e indiretas, fechadas e abertas, objetivas e subjetivas. Neste estudo, ele será aplicado para os membros da equipe gestora, docentes e estudantes da classe selecionada para participar da pesquisa.

Ainda sob a perspectiva dos mesmos autores, a entrevista pode ser direta, presencial com uma sabatina, ou indireto, com a utilização de recursos tecnológicos para obtenção das respostas; e de caráter exploratório ou de coleta de informações:

Se forem de caráter exploratório, serão permitidas eventuais indagações ou levantamento de dados e informações que não estejam contempladas no formulário; as de coleta de informações são altamente estruturadas, devendo seguir um roteiro previamente estabelecido e darem conta de respostas-núcleo do objeto de investigação, preferencialmente elaboradas com itens e questões fechadas, com múltiplas escolhas. (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p.64).

A entrevista será feita com a coordenação pedagógica e com a professora regente da turma selecionada para participar da pesquisa.

A observação, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), consiste em uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade. Ela pode ser assistemática (observação espontânea, sem instrumental apropriado) ou sistemática (observador como espectador). Com esse instrumento os fatos são compreendidos de forma direta. A observação que comporá essa pesquisa será realizada de forma assistemática.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados coletados. Ela tem como objetivo perceber como alguns atores da comunidade escolar (professores, alunos, coordenadores e equipe gestora) percebem os atos de indisciplina, os fatores que contribuem para esses atos, como a escola atua diante deles e como cada um, em seu segmento, poderia auxiliar para sua diminuição em sala de aula.

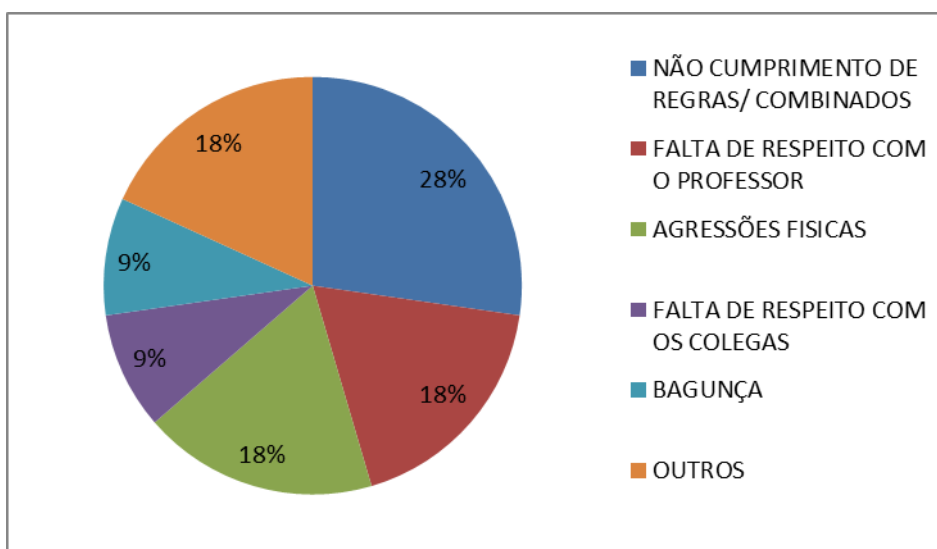
O capítulo está dividido em três seções, nas quais apresentamos a análise obtida por meio dos questionários, das entrevistas e das observações, nesta ordem.

### 4.1 QUESTIONÁRIOS

Iniciaremos pela análise dos três questionários aplicados: um para a equipe gestora, um para os professores e outro para os alunos da classe escolhida para participar da pesquisa.

A partir dos dados coletados nos questionários aplicados para os professores, podemos perceber que de oito participantes da pesquisa, cinco têm entre um a três anos de atuação na Unidade de Ensino. Quando questionamos sobre o que consideram atos de indisciplina, obtivemos o seguinte resultado, organizado em forma de gráfico, assim como os demais, com vistas a facilitar a visualização:

Gráfico 1 – O que são atos de indisciplina?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

A definição de atos de indisciplina como o não cumprimento das regras/combinados estabelecidas/os em sala de aula, foi o item mais citado, indo ao encontro com afirmações de alguns estudiosos, como La Taille (1996) e Durkheim (1963) apud Parrat-Dayana (2008). O primeiro compreende a indisciplina como a revolta contra comportamentos regidos por um conjunto de normas e, também, é considerada a falta de conhecimento acerca dessas normas. O segundo ressalta a necessidade das regras no ambiente escolar como ferramenta singular na formação moral do indivíduo. Esses conceitos reafirmam que tais normas são fundamentais para o convívio social.

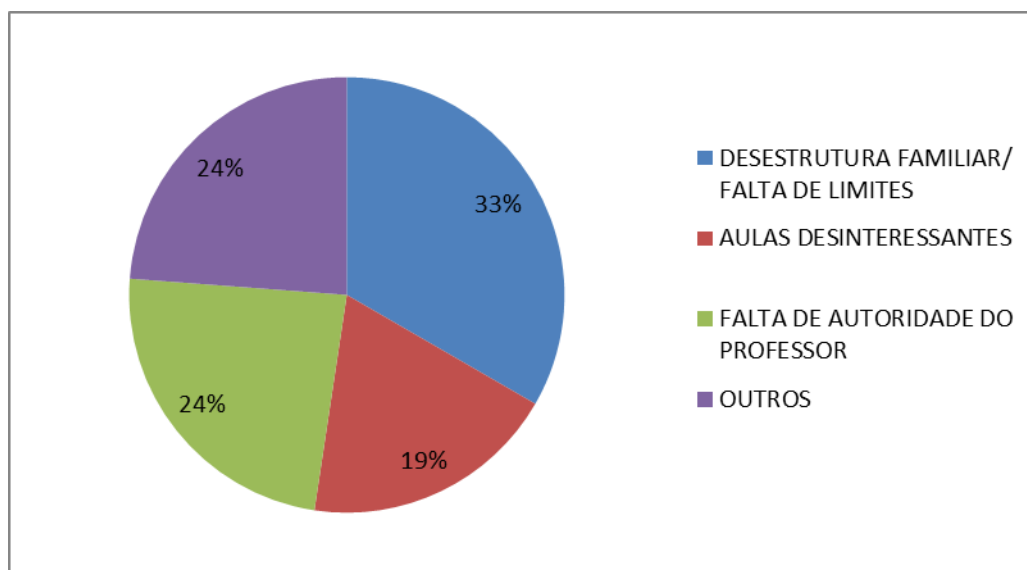
A falta de respeito com o professor e as agressões físicas aparecem em seguida, assim como a falta de respeito com os colegas e a bagunça. No item “outros” foram citados, pelos professores, a falta de limites, conversa excessiva e a não realização das atividades propostas.

Diante desse quadro, indagamos aos docentes qual seria sua reação diante desses atos. A retomada das regras/combinados estabelecidos/as em sala de aula, levando a uma reflexão acerca dos seus atos prevaleceu como a melhor alternativa. Esse dado nos leva a crer que, nesse caso, os alunos conhecem as normas que regem a sala de aula, mas, por algum outro motivo, tentam transgredi-las.

Os professores também elencaram o acionamento da família e da equipe gestora, planejamento de aulas mais dinâmicas e interessantes, autoavaliação e alteração no tom de voz.

Investigamos, também, quais seriam os fatores que contribuiriam para esse tipo de comportamento, como está no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Fatores que contribuem para os atos de indisciplina



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Como fator mais considerado pelos docentes, aparece a desestrutura familiar/falta de limites impostos pela família. De acordo com Rêgo (1996), esse seria um argumento para isentar a escola de qualquer responsabilidade, conferindo-a toda a família. Aquino (1998) ressalta a importância de uma distinção clara entre os papéis exercidos por família e escola: a primeira é responsável pela ordenação da conduta da criança e moralização de suas atitudes; a última, tem como função difundir o conhecimento sistemático. O fato é que esse é um argumento forte dentro do ambiente escolar, utilizado por quase todos os educadores para justificar os atos de indisciplina em sala de aula.

As outras justificativas citadas foram a falta de autoridade do professor e aulas desinteressantes. No item “outros”, foram mencionados a inversão de valores, fatores neurológicos e o uso indiscriminado das mídias.

Ao nos referirmos à prática docente como ferramenta para a diminuição dos atos de violência em sala de aula, o item mais citado foi o planejamento de aulas mais interessantes. É intrigante perceber que, em contraponto ao item anteriormente colocado, no qual a família seria a maior culpada pelos atos de indisciplina, os participantes da pesquisa enxergam como ponto de partida o fazer pedagógico. É essencial que o professor tenha em mente que sua prática visa à transformação do pensamento dos alunos (AQUINO, 1998).

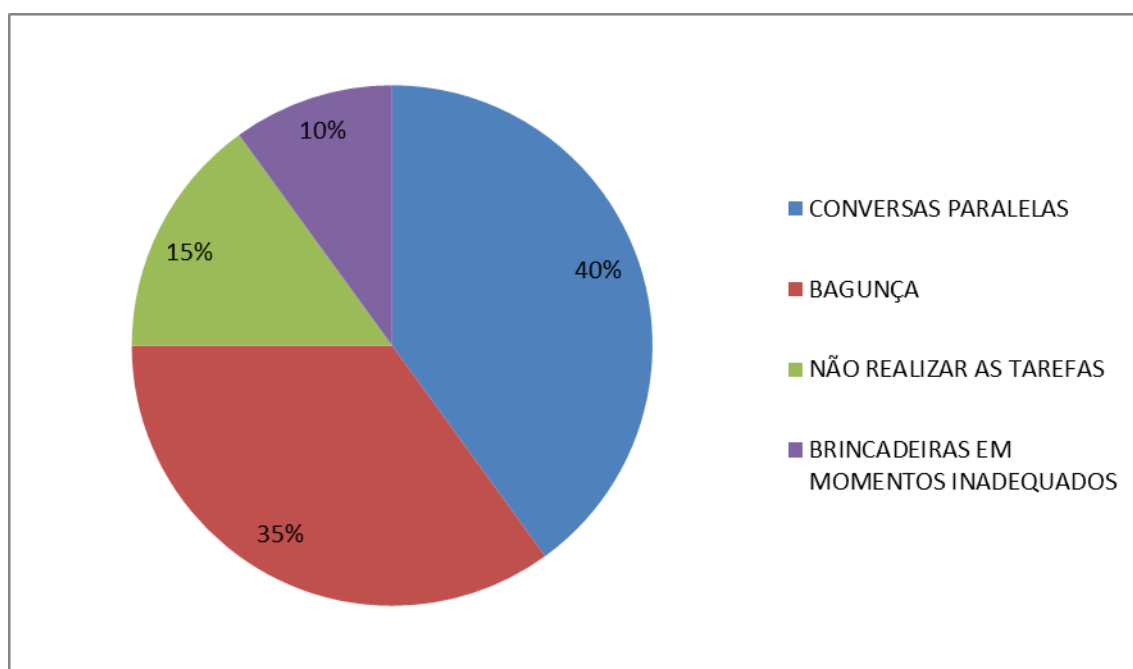
A reação da escola diante dos atos de indisciplina foi bem avaliada pelos participantes da pesquisa, destacando o papel da coordenação pedagógica como

mediadora de tais eventos. Essa colocação reafirma o papel do coordenador em tornar a escola um ambiente acolhedor e aberto ao diálogo.

O questionário dos alunos foi aplicado em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, com crianças na faixa etária entre 7 e 8 anos, após um trabalho feito pela professora regente acerca do conceito de indisciplina, seus atos e possíveis soluções.

Ao perguntarmos sobre quais comportamentos atrapalhavam o bom andamento da aula, os estudantes o que consta no gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Comportamentos que atrapalham a aula



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

A conversa paralela, no momento inadequado, foi selecionada como o comportamento que mais atrapalha as aulas, seguida da bagunça, não realização de tarefas e brincadeiras em momentos inadequados. Ainda questionados sobre a frequência dessas atitudes e como se sentiam frente à elas, os discentes relataram que ocorriam às vezes e que se sentiam mal e chateados, pois se desconcentravam no momento das atividades e não conseguiam estudar.

Ao abordar os motivos que levariam a esses comportamentos, os estudantes citaram a falta de limites em casa, a falta de educação, a influência dos colegas e a dificuldade das tarefas. Dois pontos chamam a atenção para esses dados: os limites

impostos pela família e a dificuldade das tarefas. O primeiro pode ser uma reprodução daquilo que é ouvido no ambiente, por vezes, para advertir os alunos que cometem atos de indisciplina. Isso nos leva a refletir sobre como nós, docentes, lidamos com esses eventos. Muitas vezes, o diálogo e a reflexão dão lugar à humilhação e à exposição, gerando uma disciplina mascarada, coercitiva, que pode gerar grandes danos a médio e longo prazo, visto que o juízo alheio tem grande influência sobre a imagem que fazemos de nós (LA TAILLE, 1996).

Quanto à contribuição para a diminuição desses atos de indisciplina, informar o professor foi o item mais lembrado, reforçando sua autoridade como gestor da sala de aula. Citaram, ainda, não conversar em momentos inadequados, permanecer no lugar, realizar as tarefas e suspender o recreio.

O questionário da equipe gestora foi respondido pela diretora, vice-diretora, supervisora e secretária.

Quando indagados sobre o que seriam atos de indisciplina, listaram agressões físicas e verbais, desrespeito ao professor, descompromisso com horário e tarefas escolares, descumprimento de regras/combinados. É importante salientar que a visão descrita pela gestão escolar é mais ampla, pois está em constante contato com os vários segmentos que compõem a Instituição de Ensino.

No que se refere aos fatores desencadeantes dessas ações, dois itens se sobressaíram: a desestrutura familiar e o uso indiscriminado das mídias. Como afirma Parrat-Dayán (2008), as mídias em si não são agressivas, apenas reproduzem os aspectos agressivos da sociedade, gerando uma insensibilidade à violência. Por isso, percebe-se a necessidade de um monitoramento daquilo que os estudantes estão acessando, não uma proibição sumária.

Em relação às ações da equipe gestora diante dos atos de indisciplina, foram elencadas parceria entre escola e família, reflexão sobre o ato de indisciplina, utilização do regimento escolar. Aqui, percebemos, mais uma vez, o esforço em manter o diálogo, mediando os conflitos para sanar as dificuldades.

## 4.2 ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com a coordenação pedagógica e com a professora da classe escolhida para participar da pesquisa. Foi elaborada de forma semiestruturada, com o intuito de dar liberdade ao entrevistado.

#### **4.2.1 Entrevista 1**

A coordenadora pedagógica nos relatou que está há três anos na Instituição de Ensino, sendo todos eles nessa função. Ela definiu a indisciplina como “atos que se opõem às regras e normas estabelecidas pela escola, são as desordens estabelecidas pelas quebras de regras”. Observamos, aqui, que, assim como os professores, a coordenadora da escola compartilha do mesmo conceito definido por La Taille (1996): indisciplina como descumprimento de normas estabelecidas.

Ao indagarmos sobre como percebe os atos de indisciplina em sala de aula e com que frequência eles acontecem na escola, ela nos relata que isso é feito por meio de relato dos professores e da observação da rotina escolar e que a clientela da escola, em termos gerais, é calma com a incidência de alguns casos isolados de indisciplina. Ainda sobre como seria a atuação da coordenação pedagógica para auxiliar na diminuição dos atos de indisciplina, ela nos destaca, em primeiro lugar, a mediação do conflito envolvendo os participantes deste, buscando a reflexão acerca do ocorrido e a busca de soluções. Esse relato nos remete a Silva (2015) apud Mainardes (2015), que assinala para a importância da ação do coordenador pedagógico em promover o protagonismo do estudante na tomada de decisões e sugestão de soluções com vistas à construção da autonomia e valores.

O planejamento também foi citado como forma de atenuar os atos de indisciplina, haja vista que promover o cumprimento dos projetos e acompanhar o planejamento dos professores, como foi citado, são formas de a coordenação lidar de perto com esses eventos e propor um trabalho que aja com intencionalidade.

Ao final da entrevista, a coordenadora destaca a dificuldade de resolver algumas situações e desconstruir certas práticas sem o apoio familiar, ressaltando a importância da parceria entre família e escola.

#### **4.2.2 Entrevista 2**

A professora regente da classe escolhida para participar da pesquisa nos relatou ter 18 anos que trabalha na Secretaria de Educação do Distrito Federal e que atua nessa escola há três anos, sendo que, neste ano letivo, leciona para o 2º ano do Ensino Fundamental.

Quando questionada sobre o que são atos de violência e suas possíveis origens, ela define os como agressões físicas e verbais, desrespeito ao professor, desrespeito aos combinados que são supostamente gerados pela falta de limites impostos pela família, falta de interesse dos alunos. Nesse caso, podemos observar que em nenhum momento a professora leva à reflexão sua prática pedagógica, reforçando a afirmação de Rêgo (1996), para quem os fatores extraescolares ocupam o primeiro plano quando nos referimos às causas da indisciplina. É necessário que o professor faça uma constante avaliação do seu trabalho, observando aquilo que precisa ser melhorado.

A professora nos relatou que, no início do ano letivo, havia, em sua classe, grande incidência de atos de violência. Os estudantes utilizavam, principalmente, a agressão física para resolver os conflitos dentro e fora da sala de aula. Questionada sobre a atual situação da classe em relação a esse tipo de comportamento, ela relatou que a incidência desses eventos diminuiu consideravelmente, tendo em vistas as ações que foram realizadas como o resgate diário das regras/combinados de sala de aula, algumas sanções na rotina escolar, como ficar sem recreio ou recreação e, por vezes, encaminhamento à direção da escola e acionamento da família. No entanto, a professora destaca que, com a maior parte da turma, apenas o resgate diário das normas surtiu resultados.

Quando questionada se poderia fazer mais alguma coisa para diminuir essas ações de indisciplina, a professora cita a coordenação pedagógica como apoio essencial não apenas na mediação dos conflitos, mas no acesso a uma formação continuada que venha a subsidiar a prática pedagógica de forma efetiva e eficiente.

#### 4.3 OBSERVAÇÃO

A observação foi realizada em uma classe de 2º ano do Ensino Fundamental em uma Escola Classe da Região Administrativa de Taguatinga. A classe é composta por 18 alunos, sendo 6 meninas e 12 meninos.

Durante a nossa observação, a professora introduziu um novo conteúdo utilizando canudos e dados, o que causou certa euforia entre os alunos. Entre gritos e risos, era perceptível o envolvimento deles com o jogo. Em alguns momentos, a professora precisava intervir além do acompanhamento da atividade, pois, por conta dos dados, alguns alunos se desentendiam. Não houve agressão física, apenas



verbal. A professora retirava os alunos envolvidos do grupo e, juntos, retomavam as normas da sala de aula que estavam fixadas na parede, em um cartaz. Mesmo com esses incidentes, podemos perceber que as crianças estavam bem interessadas e envolvidas no jogo. A maior parte dos gritos e conversas estavam voltadas para a dinâmica do jogo, suas regras e estratégias. O interesse pela atividade era evidente.

Após o jogo, a professora propôs uma atividade de sistematização que consistia em uma folha xerografada com algumas operações. A partir daí, muitos alunos mostraram-se dispersos, conversando muito, deixando de executar a atividade. Alguns rasgavam a atividade, faziam bolinhas e arremessavam nos colegas. Outros reclamavam com a professora por conta do barulho e da dificuldade em concentrar-se. A professora tentava manter a ordem ameaçando deixá-los sem recreio, mas parecia não adiantar. Nesse segundo momento da aula, notamos que o interesse da classe não era mais o mesmo, fortalecendo o discurso de que, para minimizar os atos de indisciplina, um planejamento intencional e interessante, citados tanto nos questionários, quando nas entrevistas, pode ser um grande aliado do professor.

Diante da análise dos dados obtidos nesta pesquisa, observamos que os atos de indisciplina são percebidos por todos os segmentos que compõem a comunidade escolar. Suas motivações ainda são bem relacionadas à família (falta de limites/desrespeito às regras), sendo que esse fundamento ecoa até mesmo entre as crianças.

Assim, o coordenador pedagógico é colocado como peça fundamental na mediação dos conflitos gerados pelos atos de indisciplina. Por meio planejamento e da formação continuada, ele pode auxiliar e direcionar a prática do professor, visto que este foi citado como um importante aliado na diminuição de tais eventos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve início buscando identificar como o coordenador pedagógico poderia atuar como mediador nos atos de indisciplina em sala de aula. Para fundamentar esse estudo, foi necessário pesquisar entre vários autores, que, por diversas vezes, mostravam conceitos semelhantes com motivações diferentes.

Foi importante pesquisar sobre os fatores que desencadeiam os atos de indisciplina e, nesse momento, começaram a surgir as divergências não apenas entre os teóricos, mas também entre os docentes participantes da pesquisa de campo. Enquanto estudiosos da área descredenciam os fatores extraescolares como determinantes para os atos de indisciplina, os professores, de acordo com os questionários e entrevistas, culpabilizam, principalmente, a família por esses eventos cada vez mais corriqueiros no cotidiano escolar.

Durante a pesquisa, encontramos alguns contratempos que dificultaram a sua realização, como a) a utilização de instrumentos de coleta de dados de fácil aplicação e que absorvessem o máximo de informações possível; b) o “esquecimento” de alguns professores na devolução dos questionários e c) a greve dos docentes, que retardou, por um tempo a aplicação e a entrega do questionário.

É importante salientar que, nas visitas feitas após a aplicação do questionário, alguns professores perceberam a coordenação pedagógica como um apoio para o professor também para mediar ações diante dos atos de indisciplina e que, quando o problema é latente, apenas ações pontuais não são suficientes, mas, sim, um trabalho intencionado em sanar essas dificuldades.

Nessas circunstâncias, acredito que o coordenador pode mediar esses conflitos em sala de aula quando mantém o diálogo aberto com os diversos atores que compõem o ambiente escolar, promovendo a reflexão acerca dos incidentes causados e quando consegue agregar o grupo em volta de um planejamento que seja motivador, interessante, efetivo e eficaz para atingir não apenas as competências e habilidades previstas no currículo escolar, mas para amenizar ou, até mesmo, sanar os conflitos interpessoais em sala de aula.

Após essas considerações, espero que essa pesquisa venha reforçar a real função do coordenador pedagógico no cotidiano escolar, de modo que as atribuições de articulador, formador e transformador sejam resgatadas e valorizadas por todos os segmentos que fazem parte da comunidade escolar.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **O que é indisciplina?** Disponível em: <  
[http://www2.escolainterativa.com.br/canais/20\\_encontros\\_tem/encontros/material/2013\\_CelsoAntunes.pdf](http://www2.escolainterativa.com.br/canais/20_encontros_tem/encontros/material/2013_CelsoAntunes.pdf)>. Acesso em: 12 setembro 2015.
- AQUINO, Julio R. Groppa. **A indisciplina e a Escola atual**. Rev. Fac. Educação, vol. 24 n. 2, jul.- dez/1998, p. 181-204. São Paulo IS e I.
- AQUINO, Julio R. Groppa. A desordem na relação professor – aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio R. Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.
- BARROSO, João. Ordem disciplinar e organização pedagógica. In: CORREIA, José A.; MATOS, Manuel (Org.). **Violência e violências da e na escola**. Porto: Afrontamento: CIIE, 2003.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1ªed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GODOY, Célia. **Gestão de conflitos: o papel do coordenador pedagógico**. Disponível em: <http://www.futuroeventos.com.br/noticias/integra.php?id=393>. Acesso em: 25 setembro 2015.
- KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia de pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio R. Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.
- LOPES, Rosilene Beatriz. Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura?. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 20, n. 75, p. 261-282, 2012. Disponível em: <  
<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v20n75/03.pdf>>. Acesso em: 11 outubro 2015.
- MAINARDES, Carolina. A mediação de conflitos. **Gestão Educacional**, (on line), 26 junho 2015. Disponível em:  
<http://www.gestaoeducacional.com.br/index.php/especiais/coordenador-pedagogico/1208-a-mediacao-de-conflitos>. Acesso em: 25 setembro 2015.
- MENDES, Fabiane Mathias Delattre; HADDAD, Jane Patrícia; SANTOS, Lucélia Gonçalves dos. Reflexões sobre a indisciplina escolar: visão dos coordenadores pedagógicos e a educação como ato de acolher. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, 16., Cachoeira do Sul, 2011. **Anais do XVI Seminário Internacional de Educação: docência nos seus múltiplos espaços**. Cachoeira do Sul; Universidade Luterana do Brasil, 2011. p. 538-547.

MIZIARA, Leni Aparecida Souto; QUEIROZ, Irary Nunes. Indisciplina escolar: entrave ou desafio do coordenador pedagógico? **Interfaces da educação**. Paranaíba, v.1. nº3, p.58-72, 2010.

NASCIMENTO, Jakeliny Kelly Pinheiro da Fonseca. Indisciplina escolar: saberes e fazeres pedagógicos. **Portal Educação**, (on line), 17 abril 2014. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/56052/indisciplina-escolar-saberes-e-fazeres-pedagogicos>. Acesso em: 25 outubro 2015.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, v.1. nº3, p. 1-5, 2º semestre 1996.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. O papel do coordenador pedagógico. **Revista educação**. (on line). set. 2011. Disponível em: < <http://revistaeducacao.com.br/textos/142/artigo234539-1.asp>>. Acesso em: 25 outubro 2015.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. O coordenador pedagógico: aportes à proposição de políticas públicas. **Cadernos de pesquisa**. (on line). v. 42, nº147, p. 754-771. set./ dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n147/06.pdf>. Acesso em: 25 outubro 2015.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio R. Groppa (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 83-101.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Disponível em: <http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/indi.pdf>. Acesso em: 30 outubro 2015.

VINHA, Telma Pileggi. Autoridade autoritária. **Revista escola**, (on line), São Paulo, outubro 2009. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/autoridade-autoritaria-504466.shtml?page=1>. Acesso em: 24 setembro 2015.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS GESTORES

Caro gestor,

Este questionário é um instrumento de coleta de dados para compor uma pesquisa pelo Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica – Escola de Gestores (UnB), sobre a indisciplina na sala de aula e o papel do coordenador pedagógico como um mediador de conflitos.

Esta é uma ação voluntária, mas solicito sua cooperação no intuito de respondê-lo com isenção e honestidade.

Não há necessidade de identificar-se.

Agradeço pela colaboração.

1. Há quanto tempo você está na gestão dessa Unidade de Ensino?

( ) 1 a 3 anos

( ) 4 a 8 anos

( ) mais de 8 anos

2. Como você observa a periodicidade dos atos de indisciplina nesta Unidade de Ensino?

( ) sempre

( ) às vezes

( ) raramente

3. O que você considera como atos de indisciplina?

---

---

---

4. Na sua opinião, qual o(s) fatores que contribuem para os atos de indisciplina em sala de aula?

( ) desestrutura familiar

( ) aulas desinteressantes

( ) falta de autoridade do professor

( ) outros. Quais? \_\_\_\_\_

---

---

5. Como a gestão desta Unidade de Ensino enfrenta os atos de indisciplina?

---

---

---

---

6. Como a gestão e a coordenação pedagógica podem contribuir para a diminuição dos atos de indisciplina em sala de aula?

---

---

---

---

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Caro professor,

Este questionário é um instrumento de coleta de dados para compor uma pesquisa pelo Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica – Escola de Gestores (UnB), sobre a indisciplina na sala de aula e o papel do coordenador pedagógico como um mediador de conflitos.

Esta é uma ação voluntária, mas solicito sua cooperação no intuito de respondê-lo com isenção e honestidade.

Não há necessidade de identificar-se.

Agradeço pela colaboração.

1. Há quanto tempo você está nessa Unidade de Ensino?

( ) 1 a 3 anos

( ) 4 a 8 anos

( ) mais de 8 anos

2. Como você observa a periodicidade dos atos de indisciplina em sua sala de aula?

( ) sempre

( ) às vezes

( ) raramente

3. O que você considera como atos de indisciplina?

---

---

---

4. Na sua opinião, qual o(s) fatores que contribuem para os atos de indisciplina em sala de aula?

( ) desestrutura familiar

( ) aulas desinteressantes

( ) falta de autoridade do professor

( ) outros. Quais? \_\_\_\_\_



---

---

5. Como você, professor, reage diante de atos de indisciplina em sala de aula?

---

---

---

---

6. Como você avalia a forma como a escola reage diante dos atos de indisciplina?

( ) excelente

( ) boa

( ) regular

( ) ruim

Por quê?

---

---

---

---

7. Como você pode contribuir para a diminuição dos atos de indisciplina em sala de aula?

---

---

---

---

## APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Caro aluno,

Estas perguntas fazem parte de uma pesquisa do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica – Escola de Gestores (UnB), sobre a indisciplina na sala de aula e o papel do coordenador pedagógico como um mediador de conflitos.

Responder essas perguntas é uma ação voluntária, mas peço sua cooperação em respondê-lo com honestidade.

Não há necessidade de escrever seu nome.

Agradeço pela colaboração.

1. Quantos anos você tem?

( ) 7 anos

( ) 8 anos

( ) 9 anos

( ) acima de 9 anos

2. A disciplina é a forma de ser e se comportar que permite ao aluno o seu bom rendimento. Você percebe a falta dessa disciplina em sua sala de aula?

( ) sempre

( ) às vezes

( ) raramente

3. Que tipos de comportamento você acha que podem atrapalhar a aula?

---

---

---

4. Como você se sente diante desses comportamentos que atrapalham a aula?

---

---

---

5. Para você, por que acontecem esses comportamentos que atrapalham a aula?

---

---

---

---

6. Como você poderia contribuir para diminuir esses comportamentos que atrapalham a aula?

---

---

---

---

**APÊNDICE D – ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

1. Há quanto tempo você está na coordenação pedagógica?

---

---

2. Qual sua definição para atos de indisciplina em sala de aula?

---

---

---

3. Como a coordenação pedagógica percebe os atos de indisciplina em sala de aula?

---

---

---

---

4. Como a coordenação pedagógica pode auxiliar na diminuição dos atos de indisciplina em sala de aula?

---

---

---

---

## APÊNDICE E – ENTREVISTA COM PROFESSOR REGENTE

1 Há quanto tempo você atua no magistério?

---

2 Para você, o que são atos de indisciplina em sala de aula e quais suas possíveis origens?

---

---

---

---

3 Você já presenciou atos de indisciplina em sua sala de aula atual? Exemplifique.

---

---

---

4 Como você lida com essas situações de conflito?

---

---

---

5 Como você poderia auxiliar na diminuição desse tipo de conflito em sala de aula?

---

---

---